



USO DE CAIXAS - NINHO PELO MARSUPIAL *MARMOSA MURINA* EM UM FRAGMENTO FLORESTAL URBANO - DESCRIÇÃO DE NINHOS E REPRODUÇÃO

Kassiano dos Santos Sousa

Jéssica Dias Ferreira; Christian Emmanoel da Cunha Anacleto; Sara Morais Pordeus Pinto; Alexandre Ramlo Torre Palma.

Universidade Federal da Paraíba / Departamento de Sistemática e Ecologia, João Pessoa, PB. kassianodossantos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os marsupiais da família Didelphidae confeccionam ninhos para servirem como abrigos, tendo sido registrados para os gêneros *Marmosops*, *Gracilinanus*, *Monodelphis*, *Didelphis*, *Caluromys* e *Micoureus* (Davis 1947, Miles *et al.*, 1981, Streilein 1982, Tubelis 2000, Loretto 2006). Estes ninhos podem variar desde leitos de folhas pouco ordenados feitos por *Didelphis* (Palma e Gurgel - Gonçalves obs. pess.) até ninhos mais ordenados e firmes como em *Gracilinanus* (Tubelis 2000).

São comuns registros de marsupiais ocupando caixas - ninho feitas para aves, sendo tais ocorrências relacionadas ao hábito destes animais procurarem abrigos em ocos de árvores (Tubelis 2000). Tais registros levaram mastozoólogos a utilizarem caixas - ninho como abordagem alternativa para o estudo de biologia populacional de marsupiais (Loretto 2006).

Os marsupiais da família Didelphidae possuem uma gestação muito curta, com cerca de 14 dias, dando à luz a filhotes muito pequenos e pouco desenvolvidos (Hunsaker, 1977). O parto é seguido por um período em que os filhotes ficam presos às mamas da mãe dentro do marsupio, ou região equivalente nas espécies sem marsupio. Após adquirirem pelos e formato similar aos adultos os filhotes passam a ficar agarrados às costas da mãe até o desmame (Hunsaker, 1977). Este período de dependência da mãe e recém - independência são mal compreendidos em populações naturais, devido às limitações do tradicional método de captura com armadilhas.

OBJETIVOS

Os objetivos deste estudo foram 1) Descrever os padrões de ninhos feitos por marsupiais em caixas - ninho e 2) obter informações sobre a biologia reprodutiva de *Marmosa murina* com ênfase nas fases mais crípticas

MATERIAL E MÉTODOS

Local de Estudo

Realizamos o estudo em um fragmento de Mata Atlântica (7,4 ha) inserido em uma matriz urbana, localizado no campus da UFPB, em João Pessoa - PB, Brasil. A vegetação do fragmento é uma floresta semi - decídua secundária tardia com árvores de até 30 m de altura.

Planejamento da Amostragem

Realizamos um estudo de marcação e recaptura de marsupiais capturados nas caixas - ninho. As caixas - ninho (n = 30) foram feitas com canos de PVC e dispostas (espaçamento = 10m) ao longo de um transecto, sendo 10 delas sobre o solo e 20 no sub - bosque. As caixas - ninho permaneceram no campo entre fevereiro/2009 e fevereiro/2011, sendo revisadas semanalmente, exceto nos meses de novembro a janeiro, totalizando um esforço amostral de 2280 caixas x semanas. Os animais capturados foram marcados por perfurações na orelha, pesados, medidos e classificados em classes etárias baseadas em erupção e desgaste dos dentes (Tyndale - Biscoe & Mackenzie 1976).

RESULTADOS

Nas caixas - ninho encontramos 38 ninhos (taxa de uso das caixas - ninho = 1,6%) feitos com folhas secas de dicotiledôneas, seguindo dois padrões distintos de construção: ninhos de padrão 1 foram encontrados no sub - bosque, sendo entrelaçados de folhas formando um “casulo”. Ninhos com este padrão foram encontrados vazios (n = 15), ou ocupados por *M. murina* (n = 22). Um ninho do padrão 2 foi encontrado vazio no chão e era constituído por um amontoado frouxo de folhas. Os ninhos de padrão 1 possuíam peso de 4,9 a 26,7g (10,4 ± 5,4g; n = 21), compostos por 9 a 87 folhas (41,1 ± 20,7 folhas; n = 25), cujo comprimento era de 2 a 30 cm (9,3 ± 1,6cm; n = 700). Nos ninhos ocupados por *M. murina*, houve correlação significativa do peso do animal com o peso do ninho (r = 0,741; p = 0,001; n = 17), e com o número de folhas no ninho (r = 0,815; p = 0,001; n = 19), mas não com o comprimento das folhas utilizadas (r = 0,333 p = 0,420; n = 8). Os maiores ninhos foram feitos por fêmeas lactantes. A proporção de ninhos ocupados sugere um tempo de permanência médio de 4,2 dias para *M. murina*.

Dentre as caixas - ninho ocupadas por *Marmosa murina*, a maioria foi ocupada por fêmeas (71%; n = 28), incluindo fêmeas lactantes (n = 6), fêmeas adultas não reprodutivas (n = 4) e fêmeas jovens (n = 10). Os machos foram representado por adultos (n = 3) e por jovens (n = 5). Todas as classes etárias foram encontradas nas caixas - ninho, desde jovens recém - independentes (13 a 21,5g), adultos não reprodutivos (25 a 46g) e fêmeas reprodutivas (44 a 59g), estas incluindo mães com filhotes recém - nascidos presos às mamas e mães com filhotes agarrados às costas (14 a 16g). Machos velhos (37g) estiveram ausentes das caixas - ninho. Todas as ocupações múltiplas (n = 3) foram por mães acompanhadas por suas ninhadas.

A taxa de uso das caixas - ninho observada neste estudo foi comparável às taxas encontradas em outros estudos na Mata Atlântica, que variaram de 1,2% a 3,9% (Tubelis 2000, Loretto 2006). Os ninhos de *M. murina* eram similares aos descritos para *Gracilinanus microtarsus* e *Marmosops incanus* (Tubelis 2000, Loretto 2006). Os ninhos construídos por *M. murina* foram mais leves e possuíam consideravelmente menos folhas que os construídos por animais dos gêneros *Gracilinanus* e *Marmosops* (Tubelis 2000, Loretto 2006). Embora caixas - ninho fossem ocupadas por indivíduos de *M. murina* de am-

bos os sexos e de diferentes idades, outros padrões podem ocorrer, como em *G. microtarsus*, no qual apenas fêmeas com ninhadas ocuparam caixas - ninho (Tubelis 2000). A revisão semanal de caixas - ninho propiciou observar detalhes dos períodos pré - e pós - recrutamento não observáveis com a metodologia padrão de capturas com armadilhas.

CONCLUSÃO

1) Dois padrões de ninhos foram encontrados, sendo o mais organizado deles atribuível a *M. murina*. 2) Fêmeas de todas as classes etárias ocupam caixas - ninho, sendo que a maior atividade está relacionada aos dois períodos reprodutivos na estação chuvosa.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, D. E. 1947. Notes of the life histories of some Brazilian mammals. Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Nova Série. 76:1 - 8.
- HUNSAKER, D., II. 1977. Ecology of new world marsupials. Pp. 95 - 156 in D. Hunsaker II (ed.). The biology of marsupials. Academic Press, New York.
- LORETTO, D. 2006. Demografia e seleção de habitat de marsupiais arborícolas neotropicais com o uso de ninhos artificiais. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MILES, M. A.; Souza, A. A. & Póvoa, M. M. 1981. Mammal tracking and nest location in Brazilian forest with an improved spool - and - line device. Journal of Zoology, 195:331 - 347.
- STREILEIN, K. E. 1982. Behavior, ecology, and distribution of the South American marsupials. Pp. 231 - 250 in M. A. Mares (ed.). Mammalian Biology in South America. Special Publication Series (Pymatuning Laboratory of Ecology).
- TUBELIS, D. P. 2000. Aspects of the breeding biology of the Gracile Mouse Opossum *Gracilinanus microtarsus* in a second growth forest in Southeastern Brazil. Papéis Avulsos de Zoologia 41:173 - 185.
- TYNDALE - BISCOE, C. H. & MACKENZIE, R. B. 1976. Reproduction in *Didelphis marsupialis* and *D. albiventris* in Colombia. Journal of Mammalogy. 57:249 - 265.